

Centro de Formação de Professores
Biblioteca / UFPB - Cajazeiras - Pb.

≡ UFPB ≡

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB.
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ESTE LIVRO NÃO PODE
SAIR DA BIBLIOTECA

Pedagogia



— DOCUMENTO —

Uma nova experiência do estágio de Supervisão Escolar.

Cajazeiras - Agosto / 1987.

COORDENAÇÃO / ESTÁGIO

- Maria Ilbaniza Gomes
- Raimunda de Fátima Neves da Silva

ESTE LIVRO NÃO PODE
SAIR DA BIBLIOTECA

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

-Estagiárias

- Maria do Socorro Rodrigues Mendes
- Sílvia Dolores Gomes Mariz Pordeus Cartaxo
- Sheila Maria Pinheiro

CAMPO ESTÁGIO

- Escola Municipal Maria Aurita - Sousa PB

PROFESSORAS-ORIENTADORAS

- Maria Ilbaniza Gomes
- Raimunda de Fátima Neves da Silva

(DEDICATÓRIA)

Dedico toda a emoção deste momento a meus pais que desde o início da minha vida estudantil me encorajaram, não me deixando desistir, dedico também ao meu esposo que nos momentos mais difíceis soube me compreender e ajudar-me.

Dedico a meus filhos que são fruto desse amor, e a todos os meus irmãos pelo carinho que tem para comigo.

Maria Socorro Rodrigues Mendes

Dedico este documento aos meus pais,
meus irmãos, meu cônjuge, meus filhos e a to
dos que me deram forças, incentivando-me e
caminhando comigo, sabendo perdoar a minha
ausência, em certas horas do dia-a-dia para
que eu pudesse concluir a "minha caminhada"pe
dagoga".

Sílvia Dolores Gomes Mariz Pordeus Cartaxo

"Você não pode apressar o crescimento humano. Ele é lento e silencioso como o crescimento da árvore" ... (Crosby, 1967)

A criança suplica: "Alguém pode nos ouvir?"

Dedico este pequeno documento às crianças, que com o seu grito, fizeram-me crer e ouvir, que sou um ser capaz de Querer e Poder para chegar até elas.

Aos meus pais, orientadores, à minha amiga Jessélia e a todos os que me despertaram a descobrir a sensibilidade que é o grito da criança, minha gratidão, minha amizade.

Sheila Maria Pinheiro

C I T A Ç Ã O

"A escola não é estática nem intocável. A forma que ela assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação, impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e propostas alternativas".

- . Claudius Ceccon
- . Miguel Darcy de Oliveira
- . Rosiska Darcy de Oliveira

S U M Á R I O

1. Introdução
2. Sistematização do trabalho
3. Considerações Finais
4. Referências Bibliográficas
5. Anexos
 - 5.1. Plano de Trabalho
 - 5.2. Fichas de Leitura
 - 5.2.1. Leituras Específicas
 - 5.2.2. Leituras Gerais.

INTRODUÇÃO

"A sociedade a vê como depósito de marginais, local de assistência social e ainda outros, como inutilidade consumidora de recursos públicos. Poucos vêem nela o palco onde se desenrola o drama de milhões de crianças individualmente consideradas e de toda uma sociedade tomada no conjunto de uma corte histórica que procuram, através do espaço escolar adquirir instrumentos indispensáveis para participar do desafio da existência e da construção de uma nova história"¹.

Esta foi a nossa visão antes de entrarmos na escola municipal, uma espécie de ocupação profissional e que na realidade é outra. A posição que encontramos, foi a força de vontade dos professores quererem assumir o compromisso. Mas, a falta de orientação a esses docentes, idéias sem materialidade e a insegurança do ato pedagógico desviava do verdadeiro caminho e ações da ação pedagógica.

É tanto que de início estávamos desprovidos e sentimos até um "choque" ao encarar o idealismo e a realidade. Aos poucos nos aperfeiçoamos e conseguimos um meio para realizar nosso trabalho.

E foi aí que sentimos que a "prática" é o aspecto mais tangível entre a experiência do estágio e as de exercício efetivo do magistério.

Cabe-nos perguntar: qual seria a forma mais adequada para mobilizar um espaço para este reflexo? Organizamos em sessões de estudo um espaço para este com os professores e apresentamos nosso trabalho a ser desenvolvido e nosso papel, enquanto estagiárias.

Algumas anotações e respostas tomavam posição aos desafios de nosas primeiras tarefas na profissão como supervisoras.

"O que aqui indicamos como criativo compreende o compromisso com os rumos da história: criativo enquanto capaz de produzir um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo que incorporada ao educando, o impulsiona a ser um cidadão"².

1. Neidson Rodrigues, "Por uma Nova Escola", p. 20.

2. (op. Cit., p. 21)

SISTEMATIZAÇÃO DO TRABALHO

"O trabalho do orientador parece configurar-se nesses termos, como um coordenador de ensino que dá suporte teórico e técnico ao professor enquanto mediador do encontro entre o aluno e as matérias de ensino". (LIBÂNEO, 1986, p. 79).

Estas atitudes que desenvolvemos com o intuito de impulsionar o processo ensino-aprendizagem é evidentemente necessária e suficiente para provocar alguma mudança. "Basta intervir para transformar".

Iniciamos nosso trabalho fazendo diariamente em registro os objetivos, representando nossos dias todos esquematizados. E o nosso instrumento foi a observação participativas em salas de aula, do qual nos deparamos com grandes êxitos e valorização do nosso trabalho. Este foi o método de identificação com o professor, onde sentimos a transmissão/assimilação ativa tanto do professor como do aluno. Notamos também, a falta de metodologia e a insegurança no tocante aos professores, por lado, essa incompreensão era frisada por eles mesmos.

De acordo com as conversas informais notamos a dimensão de "querer abarcar todos os aspectos, ligações e mediações inerentes à ação pedagógica..." (LIBÂNEO, 1986, p. 128).

Como fonte para tal tratamento metodológico, liberamos um encontro em dois dias por semana, com base em estudos de textos informativos e de conteúdo, podendo "criticá-lo, compreendê-lo diferentemente, não compreendê-lo, interrogar-se sobre ele". (GADOTTI, 1985, p. 93). E como serviço estimulante ao professor registrávamos com o propósito de arquivar em fichas todos os textos. Isto significa basicamente que a "Leitura se constitui problemas para os profissionais da leitura, os alfabetizadores e os professores". É por isso que o problema atribui a ela o "sucesso ou fracasso escolar".

Ainda expresso em texto com base na compreensão, extrapolamos questões geradoras, acerca de suas experiências e uma constante troca de idéias onde todos se manifestavam.

Freqüentemente um questionamento professor/aluno era tomado na medida que íamos substituir professores em salas de aula. Tendo mais um contato, conhecendo mais seu nível de conhecimento e suas dificuldades

des, para que juntos encarássemos com o mesmo sentido respostas precisas ao nosso trabalho com o meio de projetar melhor a qualidade do ensino.

Um dos maiores estímulos para o nosso trabalho presente a esta escola, foi a compreensão dos professores, "Quanto maior for a liberdade para ensinar, maior será o reconhecimento da necessidade de assistência para resolver". (CROSBY, 1967, p. 144).

Sentimos no primeiro contato com os professores, o grande compromisso dos mesmos com a escola, coincidindo assim com o nosso propósito de estudo. Trabalhamos e orientamos textos, pertinentes à prática pedagógica, onde aos poucos, sentimos mudanças significativas no que diz respeito ao ensino-aprendizagem. Em se tratando da prática dos professores notamos um grande crescimento.

Com este objetivo, cremos que chegamos com os trunfos para um bom começo, no qual foi marcante para determinar as espécies de relações de trabalho que poderiam ser desenvolvidas.

Entramos sem majejó de produção, porém os professores contribuíram e acreditamos o que foi usualmente elaborado, eles nos transmitiram com a sua prática o que foi doado. Esta reação que vimos, demonstrou a capacidade de guiarmo-nos por este rumo, e encontrarmos meios de dar com generosidade o pouco que sabemos e lemos, e recebermos ainda mais frutuosamente essa conquista.

O término do nosso trabalho, nos revelou uma experiência de amos - tras e respostas satisfatórias. Já que o nosso esforço nos transmitiu algo para mudar, progredir, sentimos diante do começo uma resposta ao sair, que pelo menos aperfeiçoamos e damos-lhes ensejo de crescer, trabalhando juntas, houve correspondência mútua e acreditamos que nos identificamos na qualidade do que seja; Professor... Aluno... Educação ... SUPERVISÃO.

4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CROSBY, Muriel, "A Moderna Supervisão do Ensino Primário", 1967.
- GADOTTI, Moacir, "Educação e Compromisso" - Campinas, SP. Livraria Editora Papyrus, 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos, "Democratização da Escola Pública. A Pedagogia Crítico-social dos Conteúdos", São Paulo, Edições Loyola, 1986.
- NÉRICE, Imídeo G. "Didática Geral Dinâmica, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura.
- PETEROSI, Helena G. e Fazenda, Ivani C.A., "Anotações sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º Grau", São Paulo, Edições Loyola, 1985.
- PILETTI, Nelson, "Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau", São Paulo, Editora Ática, 1986.
- RODRIGUES, Neidson, "O Transitório e o Permanente na Educação", Cortez Editora - Autores Associados, São Paulo SP, 1986.
- WEIL, Pierre, "A Criança, o Lar e a Escola", Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

5. ANEXOS

5.1. PLANO DE TRABALHO

1004 OF 1998
ATRIBUIÇÃO DE FUNÇÃO

PLANO DE TRABALHO

Estágio

1. Objetivos

. Desenvolver atividades pedagógicas junto à comunidade escolar tendo em vista a necessidade de um planejamento participativo e cooperativo.

. Promover sessões de estudo pertinentes aos conteúdos e a atualização de conhecimentos nas áreas de Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais.

2. Definição do trabalho

2.1. Fundamentação teórica

2.2. Treinamento em serviço

. Planejamento participativo

. Sessões sobre conteúdos e atualização de conhecimentos na área de Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais.

3. Sistematização do trabalho

I Parte

- . Planejamento participativo
- . Reuniões com professores e pais
- . Conversa informal com os alunos
- . Aplicação de questionários aos alunos
- . Levantamento das questões geradoras pertinentes ao planejamento.

II Parte . Sessão de estudo de conteúdo e atualização de conhecimentos.

- . Levantamento das questões geradoras de sugestões.
- . Definição do cronograma de estudo do grupo (esgiárias).
- . Produção dos textos.
- . Seleção de textos.
- . Fichamento por autor e por assunto.

- . Discussão junto aos professores orientadores sobre os estudos do grupo (estagiárias).
- . Definição do cronograma de estudos nas escolas.
- . Relação das sessões de estudo.

4. Avaliação

- . Auto e Hétero-avaliação.

5.2. FICHAS DE LEITURA

5.2.1. LEITURAS ESPECÍFICAS

FIGHA DE LEITURA

OBRA - Anotações sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º grau.

AUTOR - Helena Gemignani Peterossi e Ivani Catarina Arantes Fazenda.

EDITORIA - Edições Loyola

PÁGINAS - 47 a 50.

ASSUNTO - Relações entre Comunicação e Expressão

ANO - 1981.

RESUMO

Temos constatado que a geração advinda dessa proposta educacional, tem chegado ao ensino superior com sérias distorções no saber ler, escrever, compreender e interpretar. Analisando a questão em seus vários aspectos, verificamos que uma das causas vem sendo o gradativo empobrecimento do ensino da língua, não só em seu aspecto formal, como também em seu isolamento dos demais aspectos da Comunicação e Expressão a que esse estudo tem se restringido.

Nossa proposta caminha pois, na necessidade de buscarmos alternativas que reconduzam a Comunicação e Expressão ao seu aspecto dinâmico.

O "bom aluno" em Comunicação e Expressão em nossas escolas de 1º grau em geral, é aquele que conseguiu memorizar uma série de regras gramaticais e aplicá-las em exercícios previamente determinados e padronizados, o que não significa ser uma pessoa convenientemente habilitada a comunicar-se, expressar-se e interpretar idéias próprias ou alheias; o que equivale a dizer o "bom aluno" em Comunicação e Expressão nem sempre consegue expressar-se convenientemente nem na língua - gen articulada nem nas demais modalidades da linguagem.

A observação deste fato, é por desconhecimento dos professores e idealizadores dessa área de estudo. Uma pesquisa feita, tem revelado uma preocupação concentrada na explicitação de regras gramaticais, utilizando para tal a mais variada gama de exercícios de material para assegurar a memorização de tais regras.

Isto não significa que desprezamos o aspecto gramatical na linguagem articulada, mas que reivindicamos para ele, seu devido lugar na situação ensino-aprendizagem.

AS RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Partindo do princípio de que para conhecermos torna-se necessário compreendermos, explicarmos e interpretarmos, fica evidenciada a necessidade de que para conhecermos é necessário examinarmos não só a expressão do conteúdo de um pensamento, como a comunicação dessa expressão a outrem.

Na medida em que transformarmos esse universo de linguagem estática em linguagem dinâmica, a comunicação para a ser não atributo de quem comunica ou quem é comunicado, mas passa a ter uma dimensão maior, em que a linguagem de alguém passa a ser a linguagem de outrem.

Assim por exemplo, se a intenção é, como tem sido, a memorização de regras gramaticais, o produto da situação ensino-aprendizagem passa a ser a devolução das referidas regras a quem as comunicou. Se a intenção é entretanto o desenvolvimento da livre iniciativa e o desabrochar da sensibilidade, o produto extrapola os limites do comunicado, criando e gerando novas formas de comunicação. Nesse senti, podemos dizer que, numa linguagem dinâmica, toda obra é aberta, ou seja, nela existe a possibilidade de criação individual a partir de qualquer atributo já edificado. Em toda obra aberta, existe a possibilidade da crítica de um admirar a realidade, redefinindo-a.

Se tomarmos, por exemplo, a linguagem dinâmica "articulada", o material é a palavra, a palavra não reprodutora, mas criadora. Nela, por exemplo, as regras gramaticais servirão de instrumento para aprimorar a criação. Nela a criança comunica, o professor capta, interpreta, devolve e acrescenta.

FICHA DE LEITURA

OBRA - Anotações sobre Metodologia e Prática de Ensino.

AUTOR - Helena Gemignani e Ivani Catarina Arantes Fazenda.

EDITORA - Edições Loyola.

PÁGINAS - 64 a 69.

ASSUNTOS - O Ensino da Língua Portuguesa

- No que se refere à gramática

- Motivação para a leitura

- Ampliação do vocabulário

- No que se refere à redação.

ANO - 1985

RESUMO

- O Ensino da Língua Portuguesa.

O que achamos primordial no ensino da Língua Portuguesa, uma alfabetização que se prolongue ao longo das oito séries e que vá gradativamente se completando, pois consideramos alfabetizado o indivíduo que consegue se expressar pela escrita ou oralmente de modo correto, criativo e formal.

- No que se refere à gramática

Gostaríamos de salientar a importância que atribuímos à gramática enquanto meio de conseguirmos nos expressar correta e formalmente, e não enquanto fim em si mesma, como infelizmente temos observado acontecer em várias escolas. O que enfatizamos a necessidade da gramática vir sempre associada à interpretação e análise de trechos literários criados pelo próprio aluno ou escritos por outros autores.

Entendemos por correção uma interferência do professor visando indicar a forma mais comunicável e correta de expressão, sem contudo alterar o sentido original do texto.

Nesse caso, o papel do professor seria o de dialogar com o aluno no sentido de juntos encontrarem a melhor forma. O que encontramos em nossas escolas poderíamos chamar de "correção autocrática". Só que esta visão é ignorada pelo aluno.

Em substituição proponho a "correção dialógica", em que aluno e professor discutem juntos a forma mais adequada de expressão.

É necessário o conhecimento das regras gramaticais. Após a explica

ção, deve fixá-las através de exercícios que envolvam sua exclusiva aplicação, pois a criação do hábito de escrever corretamente, envolve inicialmente, o domínio da expressão correta.

Entretanto, o uso das regras gramaticais devem ser constantes. Idealizado pelo professor e completados pelo aluno, com o objetivo de acrescentar à fixação o desenvolvimento da aprendizagem.

- Motivação para a leitura

Uma seleção criteriosa de livros para a motivação, despertando o apetite literário infantil.

A escolha dos livros deverá ter uma leitura cuidadosa com um ou mais membros de comunicação e expressão, ou os demais membros da escola.

A professora deve cobrar a leitura feita em casa, para tanto exige a necessidade de um trabalho paralelo em sala de aula e uma orientação constante para a instalação do hábito de ler.

Entendemos por cobrança, a discussão oral ou escrita, individual ou em grupo dos textos lidos, bem como a recriação dos textos dramatizando ou reescrevendo. Nesse sentido a cobrança de leitura será feita antes que pelo professor, pela própria classe, o que implicará num maior interesse por parte dos alunos na leitura realizada.

- Ampliação do vocabulário

Os resultados da semente plantada com a leitura são imediatos.

Nesse sentido é que entendemos a aplicação do vocabulário. Quando o aluno consulta constantemente o dicionário, ele consegue extrapolar esse espaço limitado e voar com a sua imaginação a um mundo de criações.

Foram feitas em algumas escolas observações, que se revelaram na carência da utilização do dicionário, que por sua vez é extremamente importante desde que seja um instrumento auxiliar na compreensão do significado e uso das palavras.

A recriação das palavras, ou seja, a oportunidade que se dá ao aluno de criar textos novos a partir de palavras anteriormente desconhecidas é um trabalho que deverá ser estimulado constantemente, pois nele encontramos os alicerces de uma redação fedunda e original.

- No que se refere à redação

Existem variadas técnicas que ajudam o indivíduo a redigir e expressar-se correta e claramente.

É indispensável ao professor conhecê-las e aplicá-las no sentido de ajudar os alunos a organizarem e escreverem o conteúdo de seus pensamentos. Sem se importar com modelos rígidos, para não interferir no estilo pessoal.

Voar com a criança é um início para começar a redigir. Criarmos com ela e com a classe interpretações variadas para uma mesma situação ou palavra. Criar oral ou escritamente, criar usando todos os métodos, enfim, deixar desabrochar a sensibilidade infantil.

FICHA DE LEITURA

OBRA - Anotações sobre Metodologia e Prática de Ensino.

AUTOR - Helena Genignani e Ivani Catarina Arantes Fazenda.

EDITORA - Edições Loyola.

PÁGINAS - 18/19 e 28/29.

ASSUNTOS - Aspectos Pedagógicos no Ensino da Matemática

- Metodologia de Ensino

ANO - 1985

RESUMO

Aspecto Pedagógico no Ensino da Matemática

Uma primeira observação que faríamos diz respeito à noção de número.

Segundo Piaget em torno dos 6-7 anos, a noção de número se desenvolve na criança. Tal noção estabelece-se junto de um desenvolvimento gradual de outras noções dentre as quais salientam-se a de invariância de uma quantidade e de seriação. Tanto uma como outra são básicas à aquisição da noção de número. Assim, a criança não poderá compreender que $2 + 4 = 5 + 1$ se a idéia de invariância não se desenvolveu. Da mesma forma sem a notação de seriação, não poderá entender o porque do sistema numérico ordinal e cardinal. Assim sendo é fundamental promover experiências correspondentes ao grau de desenvolvimento mental da criança.

Com relação à noção de conjunto, temos visto uma prática de ensino muito deformada. Obrigando a criança a trabalhar com exemplos sem vida impressos em folhas memoografadas. Restringindo-se a um quase ritual; em todas as séries, enchem-se páginas de exemplos e é só. Ao longo do ano não são mais retomados. E no entanto são a base da própria Matemática. Por que não partir de exemplos concretos referentes ao mundo das crianças ?

Dois outros pontos que consideramos importantes na iniciação da criança aos conteúdos matemáticos: O papel do "concreto e do material" pedagógico.

Sugerimos que o professor deva esperar pacientemente o desenvolvimento da criança. Para que provoque, favoreça, crie oportunidades, que conduzam a criança à noção de número.

Assim sendo é vital ao professor a escolha criteriosa de um materi

al que sirva aos seus objetivos. Não importa se seja concreto, atraente, sofisticado, sucata. Sabe-se que a noção de número resulta da "ação" da criança levada a efeito com os objetos independentes de sua forma, cor, aparência.

Infelizmente, vemos muitas vezes discussões extremadas sobre o valor de certos materiais concretos ou figurativos como se eles em si mesmos fossem o ponto fundamental do processo ensino-aprendizagem. Permite ao professor avaliar individualmente se uma criança necessita deste ou daquela material como suporte para sua aprendizagem: Percebendo se a criança já pode sair do concreto para efetuar as operações matemáticas que lhe foram propostas.

A linguagem desempenharia um papel chave na evolução das operações mentais que dão origem à noção de número. É necessário estabelecer para a criança a correlação reversível entre a sua experiência concreta (manipulação de três objetos, por exemplo), sua tradução verbal (tenho três palitos, por exemplo) e sua representação gráfica por meio do símbolo 3. A criança deve ser capaz de passar por essas três fases em suas várias combinações.

- Metodologia de Ensino

Diante da metodologia apresentada o processo de ensino-aprendizagem infere ao que ele vai transmitir dentro da realidade da classe e do meio em que vive. Usando estratégias eficazes, a busca de melhores resultados.

Assim sendo em relação à matemática, podemos citar 2 métodos de trabalho: o Indutivo e o Dedutivo.

Indutivo

- O professor apresenta e organiza as observações que a criança faz do mundo que a cerca;
- Vivencia situações, percebe relações, estrutura suas conclusões;
- Processo gradativo de descobertas onde se introduz noções matemáticas que o aluno vivencia;
- Observa, compara e relaciona;
- Adapta-se ao processo de desenvolvimento psicológico;
- Tem como referencial a criança, face ao seu processo de desenvolvimento psicológico;

Dedutivo

- Quando se dá o "ponto novo";
- Não há preocupações com as situações vivenciadas;
- O aluno reproduz o processo (mecanicamente);
- Tem como referencial a própria Matemática.

FICHA DE LEITURA

OBRA - Anotações sobre Metodologia e Prática de Ensino na Escola de 1º grau.

AUTOR - Helena Semignani Peterossi e Ivani Catarina Arantes Fazenda.

EDITORIA - Edições Loyola

PÁGINAS - 91 a 94

ASSUNTO - A Distinção entre Atitude e Conhecimento do Social.

ANO - 1985.

RESUMO

Constatamos um empobrecimento muito grande no estudo da área. Nesse sentido nos propomos a tecer algumas considerações de ordem geral e às vezes específicas, na esperança de encaminharmos uma reflexão sobre os problemas levantados nessa linha.

O primeiro problema refere-se à ausência de bibliografia na área. Onde encontramos uma pobreza muito bibliográfica muito grande para Estudos Sociais em relação às outras áreas.

O segundo problema, considerando-se sobretudo que as preocupações de uma estrutura industrial e urbana da sociedade contemporânea. Crianças e jovens encontram oportunidades fora da escola, para a participação direta numa ampla gama de atividades sociais. Entretanto, as preocupações nas escolas de 1º grau têm nos revelado que Estudos Sociais vêm sendo uma área preocupada com a transmissão, e conceitos, no qual deveria se preocupar em conhecimentos necessários à integração do indivíduo ao meio social.

O terceiro problema refere-se à Metodologia de Ensino; o que nos tem preocupado é o fato da escolha do método ter se restringido a aspectos do material a ser utilizado, da seqüência a ser empregada, das sínteses miraculosas para garantir a memorização do conteúdo.

- A Distinção Entre Atitude Social e Conhecimento Social.

Nossa intenção será basicamente em "chamar a atenção" para a interdependência existente entre esses dois aspectos, comumente negligenciados quando da elaboração dos programas de estudos sociais.

Seria um grande erro considerarmos o conhecimento, os valores, os hábitos e as atitudes como comportamentos separados da personalidade

humana.

Neste sentido, na medida em que o aluno estiver procurando memorizar os fatos da história do próprio país, estará desenvolvendo atitudes, ou seja, posicionamentos individuais frente a determinados fatos. Quando se preocupa com referido conteúdo, certamente influirá em sua capacidade e hábito de estudo.

Redescobrir o fato, não significa desviá-lo de sua intenção primeira, mas procurar analisar todos os aspectos.

Voltando a nossa proposta inicial, da necessidade de considerarmos a questão da incorporação de valores, hábitos e atitudes sociais como integrantes básicos da personalidade humana, no sentido de criarmos condições de um aprendizado que conduza a criança a uma "descoberta de si mesma", na medida em que aprenda a conhecer seu colega, sua professora, seus pais e seu mundo.

A Metodologia mais adequada será aquela que estiver em conformidade com os objetivos da escola, as aspirações do grupo de professores, as necessidades dos alunos e a disponibilidade de recursos; variando obviamente de aspectos para aspectos e adequando-se a cada momento

5.2.2. LEITURAS GERAIS

FICHAS DE LEITURA

OBRA - A Criança, o Lar e a Escola

AUTOR - Pierre Weil

EDITORA - Civilização Brasileira

PÁGINAS - 73 a 76

ASSUNTO - O Papel do Professor na Educação

ANO - 1969

RESUMO

-A Vocação do Professor

O professor é a figura principal de qualquer sistema educacional. Por isso qualquer pessoa que queira ingressar no magistério deve procurar saber se realmente tem vocação para a profissão.

Quando se deseja abraçar um curso profissional, é necessário, antes de tudo, conhecer em que consiste essa profissão, quais as aptidões, quais os fatores que constituem a motivação para o mesmo, qual a personalidade mais adequada, qual o preparo indispensável ao bom exercício profissional. Desta análise feita, chegamos à conclusão quanto ao modo de escolher o discente que nos interessa.

-O Professor Tradicional e o Moderno

A função social do professor é ajudar a criança a desenvolver os seus conhecimentos e a sua personalidade, a fim de se integrar na comunidade. Para conseguir isso o professor moderno utiliza não somente aulas, mas procura, sobretudo, que cada aluno descubra por si mesmo as diferentes realidades. Ele se encarrega de orientar, estimular, descobrir seus próprios interesses.

Enquanto o professor tradicional faz somente o uso da palavra, limitando-se a falar e a perguntar, o professor moderno procura um caminho certo para cada situação.

-Contra-indicação para o magistério

Existem certos traços característicos que contra-indicam o exercício do magistério.

A importância, a irritabilidade, não admitindo erro do aluno, explodindo-se logo, tudo isto são todas atividades tipicamente prejudiciais à ação pedagógica. Outra deficiência é a

O bom professor procura entender cada aluno, entusiasma-se por um asunto pelo que está dando, esquecendo-se que só fez afogar seus alunos em matéria e palavras.

FICHA DE LEITURA

OBRA - A Criança, o Lar e a Escola.

AUTOR - PIERRE WEIÉL

EDITORA - Civilização Brasileira

PÁGINAS - 105, 108, 112, 121.

ASSUNTOS - Pequeno Dicionário de Psicologia Educacional para Pais e Professores

ANO - 1969

RESUMO

Agressividade - Brutalidade

"Mãe, Joãozinho me bateu", e a criança, em pranto, se refugia no colo de sua mãe. Existem realmente crianças que batem nas outras; todo mundo sabe disto; pode mesmo se afirmar que cada criança já bateu ou baterá alguma vez na outra. No entanto, há varios tipos de motivos para isso. São eles:

1º) Quando a agressividade é dirigida contra determinada pessoa (pai, mãe, irmão), talvez a causa seja a incompreensão dos educadores ou ciúmes inconscientes, cujas origens precisam ser descobertas. Se a brutalidade tiver por origem o ciúme, será preciso então cuidar do ciúme. O ciúme é quase sempre cultivado e provocado por erros de educação.

2º) A brutalidade pode ser também resultado de um ataque verbal ou físico; por exemplo: uma criança é acusada pela outra de ladrão; não conhecendo outro processo, ela ataca para se defender da acusação. Cabe aos pais mostrar outros caminhos para defesa de uma educação.

3º Existe também um tipo de brutalidade "gratuita"; a criança ataca de repente a qualquer um, sem motivo; pode se tratar de equivalente e epiléptico, ou de ausência de controle cerebral motivado por outro tipo de doença mental.

ATENÇÃO

"Ele não presta atenção!" "Ele é distraído, não consegue se concentrar!", são frases ouvidas diariamente em todas as escolas e muitos lares, por professores e pais de crianças que apresentam distúrbios da atenção; porém, muito pouco se sabe a respeito da atenção; o que é a atenção? Quem não se interessa por determinado assunto não concentra a atenção tão bem como quem está motivado; por isso muitos

pretendem que a atenção se confunde com a própria motivação.

Em resumo, pode-se afirmar que a "falta de atenção" pode ser interpretada como falta de interesse no assunto, provindo muito mais da ausência de estímulos pelos educadores; a causa também pode ser de ordem psicológica, precisando ser tratada por médico; é o caso também, da falta de atenção na debilidade mental.

- Castigos e Recompensas

Provém de uma concepção errada da educação; pensam que educar equivale a corrigir, enquanto se sabe hoje que é muito mais eficiente estimular as crianças a trabalhar, estudar e fazer o bem em geral, que ralhar e punir quando não trabalham ou fazem alguma coisa errada.

Os castigos desenvolvem o medo, a angústia e, muitas vezes, aumentam a tentação de agir errado, por incrível que seja.

Os louvores, as recompensas e os prêmios, constituem estímulos potentes e favoráveis ao esforço pessoal e ao redimento de cada um.

- Denúncia - Delação

"Professor ele me bateu!" - "Professor, a Maria roubou o lápis de Geralda!" "Eu vi!"; tais são as denúncias que recebem os educadores diariamente; qual a razão dessas denúncias? Nota-se que são em geral as mesmas crianças que fazem as denúncias; muitas vezes trinta crianças conhecem o culpado e só uma faz a denúncia; qual a explicação da conduta do denunciador?

A maioria das crianças que costumam denunciar as outras, são crianças inseguras que procuram atrair a confiança e a amizade do mestre; procuram valorizar-se através da denúncia.

Outras crianças, criadas com ciúmes do irmão, e acostumadas a denunciar-las aos seus pais, "transferem" esta situação à escola.

A denúncia pode ser também uma vingança contra uma criança que costuma denunciar.

O medo das crianças velhas vela muitas vezes crianças pequeninas a denunciar as maiores, para chamar a proteção do educador.

Os bons educadores não tomam conhecimento da denúncia, a fim de desenvolver na criança os sentimentos de lealdade; procuram que os culpa

dos de algum erro se apresentem por si mesmos, e, fazendo que reconheçam o seu delito, não os castigam.

FICHA DE LEITURA

OBRA - A Criança, O Lar e a Escola

AUTOR - PIERRE WEIL

EDITORA - Civilização Brasileira

PÁGINAS - 29 a 36

ASSUNTO - Pais e Filhos nas suas Relações Humanas.

ANO - 1969

RESUMO

- Indiferença e Rejeição

A criança precisa imperiosamente de carinho, proteção e atenção. É o caso, por exemplo, da senhora que nunca consegue pegar a sua filha no colo. Sempre inventa uma desculpa. Às vezes chega o momento de a filha reclamar alguma atenção ou algum carinho e a mãe procura fugir. Essas crianças rejeitadas procuram carinho fora do lar. São em geral angustiadas e inquietas para atraírem a atenção dos professores e dos colegas. São sempre insatisfeitas. Quando adultas podem procurar sérios problemas.

- Pais Superprotetores

Às vezes, ao contrário, superprotegem os filhos. Não lhes deixando um minuto de sossego. Qualquer movimento os pais logo ajudam. São crianças muito frágeis. Quando entram na escola em contato com os colegas e com o registro de igualdade de tratamento entre todos, eles sofrem muito, pois não conseguem adaptar-se, é aí onde surgem os problemas caindo na timidez, no racasso; sentem-se completamente perdidos sem a presença dos pais.

- Brutalidade

Quantas crianças não apanham de chinelo, correia ou bofetadas, isto em todos os meios sociais.

Conforme o temperamento dos filhos, tal maneira de educar provoca duas reações bem diferentes: ou a criança passa a imitar os pais a bater também nos colegas, amigos, ou então toma atitudes de "cão abatido", caindo numa timidez extrema, numa inibição tal, com medo de tudo e de todos. Existem também crianças que parecem não dar importância, acostumadas que estão de tanto apanharem.

- Pais Rígidos e Autoritários

Muitos pais fazem questão, antes de tudo, de serem obedecidos ao pé da letra. Por outro lado, não admitem erro; qualquer falha é imediatamente apontada e a criança recebe o castigo correspondente. Quando a criança faz alguma coisa bem feita, os pais rígidos e autoritários não ligam porque acham isto natural. Criança tratada assim são vítimas de complexos de inferioridade com relação aos colegas por terem pais compreensivos. Também desenvolve nelas complexos de culpa, medo de serem castigadas, do fracasso, e rebeldia que aparecem sobretudo na idade da adolescência.

- Pais Democráticos

Dar carinho quando é necessário, louvar o esforço e recompensar a criança quando agiu certo é atitude de muitos pais que conseguem, com isso, que os seus filhos cresçam num ambiente feito de compreensão, de calma, de respeito humano. A educação dada por estes pais procura antes de tudo desenvolver na criança o senso de responsabilidade.

A liberdade dentro do respeito pelo próximo tem de começar a ser cultivada nas relações entre pais e filhos, isto é, na própria célula familiar.

FICHA DE LEITURA

A História de Sousa

Muitos anos, muitos anos mesmo, você não era nascido. Nem seus pais, nem sua professora e nem mesmo seus avós.

Sua cidade era muito diferente do que é hoje. Não havia casas para morar, não havia casas comerciais, nem escolas, nem igrejas. Tudo era cercado por rios.

Depois os índios começaram a chegar, tornando-se assim os primeiros habitantes da região.

Esse índios eram mansos, que pertenciam ao grupo cariris.

Em 1723, chegaram os irmãos Teodoro de Oliveira Ledo e Francisco de Oliveira Ledo. Eles foram os primeiros fazendeiros do lugar.

Pouco tempo depois chegou o jovem Bento Freire de Sousa e o Gero - nel José Gomes de Sá, e alguns vaqueiros. Veja como foi aumentando o número de brancos, e, todos atraídos pela riqueza do solo.

A mata selvagem já estava bastante povoada e recebeu o nome de Jardim do Rio do Peixe.

Bento Freire de Sousa amou muito esta terra e por isso sonhou mais alto que os seus companheiros, e pensou em transformá-la numa grande cidade.

Dona Inácia Dias, era dona da Fazenda Jardim, e Bento Freire de Sousa teve de fazer várias viagens a pé à Bahia, com a finalidade de conseguir a doação das terras e o documento assinado por Dona Inácia.

Depois de muita luta, Bento Freire de Sousa conseguiu a doação. Voltou com muita vontade de trabalhar. Assim que chegou, iniciou a construção da igreja do Rosário e a organização das primeiras ruas. Tendo para ajudar no trabalho José Gomes de Sá, alguns índios e escravos.

A primeira rua a ser organizada foi a rua do Rio, hoje Almeida Barreto, onde foi construída sua casa, que hoje é a casa de João Ribeiro.

Em 1775, ele estava cego, deixando a administração. Mas antes de morrer pediu para ser sepultado na igreja do Rosário.

Com a sua morte o povoado não parou de crescer, sempre progredindo.

E no dia 14 de junho tornou-se vila, perdendo o nome de Jardim do Rio do Peixe e recebendo o nome de Vila Nova de Sousa, em homenagem ao seu fundador Bento Freire de Sousa.

No dia 10 de julho de 1954, a progressiva povoação passou a ser cidade e continuou com o nome de SOUSA.

Chegamos à eletrificação, ao telefone, ao rádio e à televisão.

Suas terras férteis continuaram produzindo apesar das grandes secas que têm enfrentado. Mas, para tristeza nossa, seu ritmo de crescimento está lento.

- Igrejas e Religião de Sousa

A religião predominante em Sousa é a católica. As igrejas são: Nossa Senhora do Rosário que foi a 1ª igreja, no ano de 1732; dessa igreja foi criada a igreja Nossa Senhora dos Remédios, uma das maiores do Estado; ela completou, em 1984, 200 anos. A terceira igreja foi a do Bom Jesus Aparecido de Sousa recentemente reformada, e por último, a igreja Nossa Senhora Santana.

Os três padres que trabalham em Sousa, são: Padre João Cartaxo Rolim, Padre Dagner de Almeida e Padre João Mangureira Rolim. Todos os padres de Sousa prestam conta do seu trabalho a D. Zacarias Rolim de Moura, de nossa Diocese de Cajazeiras.

- O Milagre Eucarístico

Certo dia na pequena igreja do Rosário estava um grande número de católicos. E o padre estava distribuindo a Eucaristia com os fiéis, quando de repente um grito de alarme, explodiu no meio da multidão. A mulher gritava porque vira um negro retirar da boca a hóstia. Com o grito de alarme o povo ficou agitado e o negro saiu correndo. O povo também acompanhou, perseguindo-o, e o negro desapareceu no matagal.

Nos arredores da vila, morava um velho que tinha um rebanho de ovelhas, do qual desapareceram algumas. Procurando por toda parte, e não desistiu até que um dia avistou suas ovelhas deitadas em forma de círculo. Aproximou-se e, com espanto, viu a Sagrada Hóstia sobre a relva, concluindo que os carneirinhos estavam guardando Jesus Eucarístico. O pastor saiu correndo e foi comunicar ao padre o grande milagre.

Foi um grande movimento na pequena vila de Sousa. Todo mundo correu para o local do milagre. A Hóstia veio em procissão para a igreja. E naquele dia nasceu em todos o desejo de que fosse construída uma Igreja no local. Seria uma homenagem ao Bom Jesus.

Para marcar o lugar do milagre foi colocada uma cruz de madeira. O povo começou a fazer visitas e em pouco tempo aquele local estava transformado num verdadeiro templo.

Por muito tempo a cruz permaneceu naquele lugar como símbolo da fé Souseense. Ao lado da cruz havia um carneirinho deitado. Com o progresso da cidade, o roçado desapareceu para dar lugar a uma bonita praça, e a cruz foi substituída pela estátua do Bom Jesus Aparecido.